

qualidade cinematográfica que dela emerge, o resultado poderia ser comparado (apenas como ilustração auxiliar) ao Michael Nyman de *A Zed And Two Noughts*. Esta não é música pura – contaminada pelo movimento do corpo que a fez nascer e pela influência de uma escrita habituada ao vídeo, sentimo-la positivamente reforçada no acto da audição. GC

#### JOE MANERI QUARTET

Let The Horse Go

CD Leo Records, 1996 – CDLR22

"I play, and I don't want half notes, I want them a little bit off; I don't want quarter notes, I want them a bit off; I don't want any notes; I want them just off. That, then, becomes the miracle. I don't really understand for sure, but somehow we all just know." Joe Maneri, saxofonista e clarinetista de 68 anos, pioneiro da improvisação dodecafónica, na companhia de Paul Bley e Gunther Schüller, há vinte ou trinta anos, redescoberto pela Leo Records em 1995, com *Get Ready To Receive Yourself*, uma vez mais acompanhado por Mat Maneri no violino, Randy Peterson na bateria e por John Lockwood no baixo, constrói, na libertação das suas improvisações, um emaranhado sonoro que simplesmente flui. Um tipo de sensação que, nas palavras de John Lockwood, pode ser comparável à forte corrente de um rio: há uma imensa força de movimento, mas num desenvolvimento evolutivo e espontaneamente estruturado. Sabe-se onde começa, impossível, porém, saber até onde nos poderá levar. *Let The Horse Go* é mais uma expressão da genialidade de Joe Maneri ou, se quisermos, do seu estado de alma: "In all these years of my life the spirituals from the cotton fields, gin mills, and churches, have been running through my whole body straight to my heart, giving birth to my soul." FN

#### CHARLES PAPASOFF

International Baritone Conspiracy

CD Les Disques Victo, 1996 – VICTOCD038

A 'conspiração' é a do abandono a que as bandas de jazz têm vindo a sujeitar o saxofone barítono (posto de lado, ou nelas integrado só em último recurso), mas é também a da resposta subentendida na harmonia 'conspiradora' do sexteto formado por Charles Papasoff. 'Internacional' porque inclui alguns dos melhores músicos do planeta: os canadianos Charles Papasoff e Jean Derome mais o residente David Mott, o suíço Christian Gavillet, o belga Bo Van der Werf e o americano Hamiet Bluiett. Barítonos são – em toda a sua gravidade, mas também na surpreendente extensão da sua variedade tonal – os seis saxofones para os quais foram escritas todas as composições deste disco. Demonstrando as possibilidades oferecidas por esta peculiar formação, as composições (de cada um dos seis músicos) variam entre reminiscências do jazz clássico dos anos 40 em *Mouvements*, a sugestão dos uivos bestiais de um lobo mau no segundo movimento de *L'espoir De Ne Pas Perdre Espoir*, polifonias ambientais em *God's Clothes For Shaman Bobbi*, um fúnebre obscurantismo em *IBC*, até uma fantástica revisão de *Pithecanthropus Erectus* de Charles Mingus a fechar o disco. Uma verdadeira surpresa. GC

#### V/A (VÁRIOS ARTISTAS)

Ambiances Magnétiques, Vol.1

CD Ambiances Magnétiques, 1996 – AM039CD

Subtítulo: La Bastringue Migratoire. Primeiro aviso (só para os fãs incondicionais da editora): não comprem este disco, porque tudo o que ele contém faz parte de quase uma dúzia e meia de outros discos já editados; Segundo aviso (só para os fãs moderados da editora): este disco constitui uma apetecível oportunidade de aceder a uma amostragem geral de alguma da música mais criativa que se faz hoje em dia, revelando-vos nomes como Geneviève Letarte, Martin Tétréault, Joane Héту, Jerry Snell, Évidence, Les Granules, Danielle P. Roger, Justine, Diane Labrosse & Michel F. Côté, Bruire, e Geneviève Letarte; Terceiro aviso (só para os que andam a dormir na forma): se apenas vos interessa o mais conhecido, aplaudido ou pontuado pelos críticos da moda, aproveitem para deliciar-vos com excelentes peças de René Lussier (num projecto comum com Fred Frith e Tom Cora), Tenko (com Zeena Parkins, Danielle P. Roger, Diane Labrosse e a liderança de Joane Héту), Robert M. Lepage, André Duchesne (o mesmo de Les 4 Guitarristes De L'apocalypso-Bar) e Jean Derome (com o seu grupo de apoio integrando René Lussier). Mais um disco que é o resultado de uma aventura saudável e feliz no reino das "ambiências magnéticas". Simplesmente excelente! LF

#### ZGA

Sub Luna Morrior

CD RÉR Megacorp, 1995 – RÉRZGA3

Os ZGA (que com este *Sub Luna Morrior* somam já três trabalhos editados) são Nick Sudnick, Scarlett e Michael Judenich, um trio radicado em Latvia, cujo trabalho (desenvolvido na área da improvisação) é notório no uso de objectos construídos. Surpreendentemente, a combinação instrumental das várias assemblagens e brinquedos junto com os mais ortodoxos sopros, clarinetes, tambores e acordeão, resultam em composições bastante harmónicas, ao contrário do que um ensemble deste tipo (como os Sa Zna, por exemplo) fariam prever. O resultado distancia-se assim do experimentalismo mais duro e conceptual, preferindo uma postura narrativa e mais acessível de equivalência sonora para as pinturas (neste caso de Marina Kavezzina) que desde o início surgem como parte integrante dos seus discos. Assim, através de uma estranha iconografia mitológica, somos introduzidos a uma série de pequenos temas e canções, de sonoridade ecléctica, sombria e, às vezes, industrial. O disco é dedicado a Alexander Zhylin, membro dos ZGA que morreu em Março de 1995, num acidente ocorrido durante uma digressão em Itália. GC

minimal · número 12 · Julho 1996

participaram neste número

Fernando Nogueira, Gonçalo Calheiros, Jorge Lima Barreto, Luís Freixo  
com o apoio de Digital-Foto · Edifício Bristol · Porto · Tel/Fax (02) 6007465

os artigos divulgados são comercializados por

audEo · Av. Boavista, 1635-00 · 4100 Porto · Tel/Fax (02) 6097239

NIPC 502667460 · CAE 51190 · CS 420000\$ · CRCP 49591

# minimal

folheto informativo sobre novidades audEo · No.12



Uma homenagem a Andy Warhol de rara qualidade para a canção rock contemporânea é *Songs For Drella* (John Cale e Lou Reed), subtil incursão na vanguarda, tecida de partículas classicistas, solos deslumbrantes quanto discretos – uma obra-prima do lirismo e da melodia. Muitos músicos e bandas criam os seus ateliers experimentais, desde que, em 1967, Jimmy Hendrix abriu o estúdio Electric Ladyland. Hector Zazou e Bony Blkaye em *Guilty!* fazem uma síntese exótica da pop e da música africana. Blaine L. Reininger, Peter Principle (*Sentimental Journey*) e Steven Brown têm projectos pessoais ou inter-ligações com músicos de estética afim aos Tuxedomoon, explorando texturas electrónicas. Os Aksak Maboul (de Mark Hollander) em *Onze Danses Pour Combattre La Migraine* glosam a música de cinema de Nino Rota ou Ennio Morricone. Os Melodie Four, de Lol Coxhill, em *TV? Mais Ouil!* interpretam melodias das mais conhecidas músicas e temas de série da TV. Cassiber, The Homosexuals, os suíços Debile Menthol, os Unknownmix, os Orthotonics, vêm na senda dos Henry Cow (com Tim Hodgkinson, Fred Frith, Lindsay Cooper, Chris Cutler e John Greaves) talvez o grupo mais relevante do rock experimental, apostado numa aventura polinstrumental desde os anos 70 e gozando do culto mais esotérico e específico de todo o rock art. Ronald Channon Jackson alia ao rock a teoria harmolódica de Ornette Coleman. *Oh Moscow!* é um projecto de ciclo de canções de Sally Porter e Lindsay Cooper. Eugene Chadbourne, vedeta da guitarra, organiza *Schockabilly*, uma proposta esquizóide, e os Minimal Man aceitam a estética dos Tuxedomoon. O super grupo The President (de Wayne Horvitz, mestre dos teclados) inclui músicos díspares como Doug Wieselman, Bill Frisell, Elliott Sharp, Bobby Previte e David Hofstra. Estes músicos fundavam grupos, não raro esporádicos, provenientes da ligação de músicos que trabalhavam em Nova Iorque ('down town'), e a Knitting Factory é, depois da Kitchen (anos 70), da Roullette (até 1985), o oráculo desta música, misto de rock art e nova música improvisada. Assim os Carbon, os Semantics, ou *Island Of Sanity* são designações lideradas por Elliott Sharp (polinstrumentista com quem Telectu tocou em 1990 na Fundação Calouste

Gulbenkian – incluindo *Evil Meta*). A pós-modernidade investida na música dos **Wire**, dos **This Heat** (depois Camberwell Now) dos **Coil** ou dos **Faust**, mas sobretudo dos **Residents** ou dos **Art Zoyd**, seduzem um público cada vez maior de apreciadores da rock art e poli-saturado de música dos video-clips que massificaram uma linguagem pop decepcionante e cujo sentido único é a venda de discos com temas de pequena duração, que significam um regresso às cronometrias dos 78 rotações e que se empilham no estereótipo. Os **Residents**, **Laurie Anderson**, os **Talking Heads**, entre outros, procuram intervir de forma artística e criativa, não menos musical, confrontando diversos media: é o rock 'multimedia'. O panorama do rock contemporâneo apresenta-se como uma patchwork (manta de farrapões), um mosaico de tendências, técnicas e concepções estéticas, diversificado, múltiplo; por vezes cada obra é significativa dum novo enredo e as fronteiras entre o rock e Nova Música esbateram-se paralelamente a um recrudescimento comercial do rock FM, vizinho da música ligeira. Vejamos algumas obras: *Septature* dos **After Dinner**, com influências da música indiana. *Scratch Holliday* dos **Aksak Maboul**, música rock para cinema. De **David Bedford**, metacomposição sobre o rock, destacamos *The Odyssey* com o 'guitar solo' de Mike Oldfield, e *Instructions For The Angels*, inspirado num poema visionário de Keneth Patchen, usando uma gigantesca parafernália. A impulsiva batida metronómica do rock anima *Bad Smell* de **Glenn Branca** e **John Giorno** em *Are You Staring At? A Clairlight Symphony* de **Rhys Chatham** tem a presença de Hillage. *The Return Of The Durutti Column* apresenta o estilo de **Vini Reilly** em jogos admiráveis de arpeggios na guitarra. O rock mais gótico está nos trabalhos de **Nekropolis** de **Peter Frohmader**. *Innocent* de **Peter Gordon** exprime as tendências eruditas do compositor (série dodecatónica em *The Annoucement*). Ex-Henry Cow e ex-Art Bears encontram-se em *Kew-Rhone*, no rock conceptual de **John Greaves** e **Peter Blegvad**. Muito interessante o piano de **Linda Hudes** em *Lasting Effect* com Van Tieghem. **Bill Nelson** trabalha com Van Tieghem, Gordon, Tyrany para a criação de *New Music From Antarctica*. **The Ordinaires** são um florilégio dadaísta de estilos do rock e outras músicas. Também aconselháveis são todos os discos/compilações da revista *Quarterly* dirigida por **Chris Cutler** e o seu compêndio multifacetado *Recommended Records*. O *Commercial Album* dos **Residents** inclui 40 deliciosas miniaturas, dirigidas à radiofonia. O termo genérico 'pop experimental' pode substituir o de 'art rock' no sentido em que abrange da mesma forma criações e acções 'off', como opostos do rock FM ou do mainstream que recuperam o estereótipo e o 'in'. **JLB**

**DEREK BAILEY & HENRY KAISER**  
**Wireforks**  
**CD Shanachie, 1995 – SHANACHIE5011**

Este disco é o primeiro álbum do britânico Derek Bailey em dueto com outro guitarrista, surgindo encaixado algures entre o turbilhão de solitária simplicidade de *Drop Me Off At 96th* (Scatter) e o arrojado trio com John Zorn e William Parker em *Harras* (Avant), ambos recentemente publicados. O norte-americano Henry Kaiser fez algumas parcerias notáveis com músicos como Bill Frisell, Terry Riley, Jerry Garcia, David Lindley, Jim O'Rourke e John Oswald, tornando-se conhecido na Europa após o início dos anos 70. Seja qual for o

sentido que os músicos pretenderam dar ao título deste álbum, ele resulta do anagrama de 'fireworks'. É como que ele resulte de uma espécie de fogo de artifício interior (saído de cada um dos guitarristas) e anterior (porque o disco é o testemunho póstumo de conhecimentos adquiridos). Vivendo quase exclusivamente dos diálogos improvisados entre duas guitarras acústicas, esta música testemunha as influências do free jazz, das teorias sobre composição contemporânea, das dinâmicas e timbres típicos da música asiática. Um trabalho histórico, gravado na capela de St. John The Divine, em Santa Barbara, Califórnia, sem redução de ruídos, equalização ou qualquer outro efeito técnico. A descobrir! **LF**



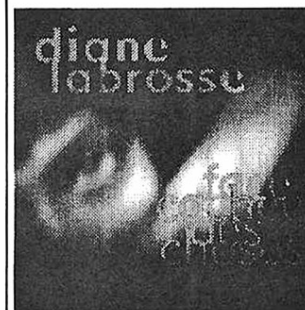
**FRÉDÉRIC FIRMIN**  
**Batteriste**  
**CD In Situ, 1996 – IS165**

Se o título (baterista) deste novo disco do conceituado selo de Didier Petit nos remete desde logo para um trabalho de percussão, o nome do seu autor e intérprete (Frédéric Firmin) soa-nos desconhecido. Firmin nasceu em 1957, nas Índias Ocidentais. Com oito anos de idade aprendeu a acompanhar os cânticos tradicionais de Ano Novo das Antilhas, tocando instrumentos de percussão construídos a partir de latas e caixas de cartão. Só oito anos depois, quando descobre a bateria, se decidiu a dedicar-se exclusivamente à música e ao estudo académico desse instrumento. Em 1979 fez a sua estreia a solo. Ao longo das duas décadas seguintes multiplicou experiências, tendo por companheiros Raúl Barboza (acordeonista argentino), Andrew Crocker, Andy Sheppard e muitos outros jazzistas de nome firmado. A sua grande paixão pelo circo levava-o a participar, em 1992, na fundação da associação Cirque Et Percussion (algumas das suas batidas quase nos prendem a respiração). Perto dos 40 anos de idade, Firmin assina com a In Situ a edição deste seu primeiro disco, melódico e invulgar, que revela um músico sedutor e surpreendente. Com doçura e a energia de uma batida quente e perpétua. **LF**

**JOANE HÉTU**  
**Castor Et Compagnie**  
**CD Ambiances Magnétiques,**  
**1995 – AM037CD**

Joane Héту é conhecida de alguns pela sua proeminente actividade nos grupos Justine, Wondeur Brass e Les Poules, e na editora Ambiances Magnétiques. Apesar de este disco assinalar a sua estreia individual como autora, à sua volta juntaram-se os notáveis préstimos instrumentais de Jean Derome, Diane Labrosse e Pierre Tanguay. A compositora-cantora-saxofonista inspirou-se nas tradições eróticas árabes e hindús, atribuindo à música (proporcional) audácia e energia. É assim que Héту nos leva de um jogo de turbulências súbitas, a

momentos de moderada acção instrumental. Longe dos esquemas tradicionais da "chanson d'amour", aqui inventa-se e recupera-se o recuperável. Um estilo musical muito próprio, marcado pela voz áspera e gutural da cantora, confirmados a inventividade com sentido: não como uma paixoneta efémera, mas como fruto do coração de uma mulher apaixonada. **LF**



**DIANE LABROSSE**  
**Face Cachée Des Choses**  
**CD Ambiances Magnétiques,**  
**1995 – AM036CD**

Uma das características mais interessantes da editora canadiana Ambiances Magnétiques é (sem querer parecer sexista) a inusual quantidade de mulheres que para ela trabalham – o que, por si só, me

parece bastante saudável. Se a este dado somarmos a qualidade e a inovação implicadas na generalidade da produção destas artistas, a satisfação não pode senão aumentar. Diane Labrosse é um dos nomes da formação Justine, mas neste disco apresenta-se a solo, numa faceta mais íntima e com uma muito inteligente concepção de barulho e de música. *Face Cachée Des Choses* recusa, implícitamente, o que é óbvio – os instrumentos convencionais (nomeadamente o piano) ficaram de fora; em vez deles, uma enorme panóplia de amostragens e sons pré-gravados, que anotam e recriam, como num estranho diário, os dias da compositora. Diane Labrosse chama-lhe 'coleção de sons brutos', 'inventário de aparelhos', 'uma música user friendly', 'apenas uma face escondida das coisas'; no entanto, as composições deste disco são muito mais complexas, funcionando como paisagens de um impressionismo muito amplificado – ilustrações de um mundo em que objectos e animais comuns assumem significados e proporções desmesuradas. **GC**

**ROBERT MARCEL LEPAGE**  
**Les Choses Dernières**  
**CD Ambiances Magnétiques, 1995 – AM035CD**

Uma vez mais, a propósito de músicas de cena, um trabalho que decorre a partir de uma coreografia previamente definida. Lucie Grégoire, partindo do desenho literário de Anna Blume (personagem num romance de Paul Auster), construiu um espectáculo em que o corpo de uma mulher dança numa evocação das relações que estabelecemos com o tempo e o espaço – evocações que se associam em abstracto aos acontecimentos e às memórias, fugazes e irrepetíveis, com que coordenamos esse mesmo tempo e esse mesmo espaço. Executada com a colaboração de um quarteto de cordas (o Quatuor Caméléon) e a manipulação electrónica de amostragens, a música de Lepage (habitual cúmplice de René Lussier e Jean Derome) é fugidia mas plena, reflectindo na exacta medida essa impossibilidade de agarrar o momentâneo. No uso da velocidade como elemento da composição e na